

**Orientações didáticas para o uso significativo-reflexivo das tecnologias digitais: (res)significando práticas pedagógicas**



Fonte: Freepik

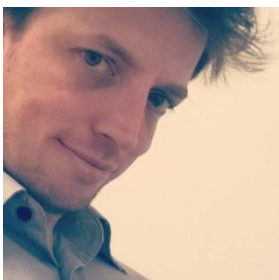
Patrícia de Oliveira Lucas - UFPI  
Luís Felipe Pereira dos Santos Donadio - UFPI

**Revisão:** Meiry Ane Agnese Gonzales Lopes, graduada em Letras pela  
Universidade Federal de São Carlos

## Os autores:



Coordenadora do Curso de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Piauí (UFPI). É doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com estágio na modalidade sanduíche pela School of Education, University of Michigan, Estados Unidos, Mestre em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e graduada em Letras - Português/Inglês pela UFSCar. Atualmente é Profa Adjunta na Letras Estrangeiras, no Centro de Ciências Humanas e Letras (CCHL) da UFPI. Seus interesses de pesquisa envolvem formação de professores de línguas estrangeiras, ensino de Português como língua estrangeira, metodologias ativas, ensino híbrido, análise, avaliação e desenvolvimento de materiais didáticos para fins específicos e formação continuada de professores da educação básica, com ênfase no contexto público de ensino.



Luis Felipe Pereira dos Santos Donadio tem graduação em Letras pela Universidade Federal de São Carlos, Mestrado e Doutorado em Linguística pela mesma instituição. Foi professor substituto do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos de 2004 a 2006 e em 2014 e trabalhou no Idiomas sem Fronteiras desde sua criação até 2015. Atua na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas e Formação de Professores. Foi professor da Cultura Inglesa em São Carlos por 12 anos e examinador oral dos exames de proficiência de Cambridge por 9 anos. Também colaborou com a SRH da UFSCar como professor de inglês para técnicos administrativos. Atua em pesquisas em Avaliação Educacional, Formação de Professores e Ensino e Aprendizagem de Línguas. Atualmente é professor adjunto na Coordenação de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Piauí.

## Sumário

1. APRESENTAÇÃO - REFLEXÕES INICIAIS.....	5
2. PARTE 1 - MUDANÇA DE PARADIGMAS.....	7
2.1. Entendendo Mudanças de Paradigmas - De onde viemos? Para onde vamos? .....	7
2.2. Metodologias Ativas - Revisitando o Passado para (Re)desenhar o Presente	9
3. PARTE 2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO REMOTO.....	12
3.1. ENSINO REMOTO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS .....	12
3.2. CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES DOS PROCESSOS DE ENSINO- APRENDIZAGEM: PRESENCIAL X REMOTO .....	13
3.3. TEMPO.....	13
3.4. USO DA LINGUAGEM .....	14
3.5. QUESTÕES ÉTICAS .....	15
3.6. VESTIMENTA.....	15
3.7. CÂMERA .....	16
3.8. MICROFONE.....	17
3.9. COMPARTILHAMENTO DE TELA .....	18
4. PARTE 3 - RECURSOS ONLINE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS .....	19
4.1. Recursos Online.....	19
5. REFLEXÕES, REFLEXÕES, REFLEXÕES... ..	27
5.1. PÁGINAS EM CONSTRUÇÃO.....	27
6. REFERÊNCIAS .....	30

## **1. APRESENTAÇÃO - REFLEXÕES INICIAIS**

A ideia destas orientações não é prescrever um manual para que os professores façam uso, indiscriminadamente e sem reflexão, das inúmeras ferramentas tecnológicas que se encontram disponíveis em suas práticas pedagógicas. O intuito, ao contrário, é convidar os profissionais da educação a (re)pensar os processos de ensino-aprendizagem que ofertam a seus alunos, diante do atual cenário que estamos vivenciando.

Nesse sentido, é crucial revisitar a forma como temos trabalhado, observando quais de nossas posturas e escolhas podem ser reorganizadas para que consigamos fomentar práticas que sejam, de fato, significativas.

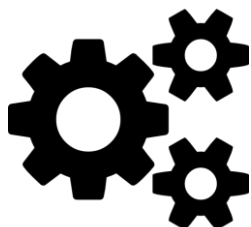
Este livro é fruto de nossas experiências e diálogos em conjunto, ao longo desses meses e de tantos outros anos de trabalho voltados à formação de professores de línguas. Assim, apresentamos este material desenvolvido com muito cuidado e que procurou considerar o lado humano daqueles sujeitos envolvidos com uma educação pública, gratuita e de qualidade para todos.

Boa leitura a todos.  
Patrícia e Luís Felipe.



## 2. PARTE 1 - MUDANÇA DE PARADIGMAS

### 2.1. Entendendo Mudanças de Paradigmas - De onde viemos? Para onde vamos?



Ao longo dos anos, presenciamos muitas mudanças com relação aos paradigmas de ensino vigentes em nosso sistema educacional. Nesse sentido, quando pensamos no ensino presencial, parece existir uma espécie de padronização, que encaixa as aulas em determinado formato, para que, assim, possam ser ministradas.

Quase como um ritual, primeiramente, o encontro acontece entre professores e alunos, em determinada sala, em horário e dia(s) preestabelecidos. Os docentes chegam e trabalham, por exemplo, textos que foram deixados para leitura, corrigem as atividades que foram solicitadas como tarefa, aplicam provas, realizam debates, fazem exercícios, conduzem apresentações em grupos, observam os seminários dos alunos, dentre tantas outras atividades.

Nessa perspectiva, temos um ensino que parece ser mais previsível e controlável, na visão de boa parte dos professores, já que a rotina parece se manter nas condutas adotadas por esses profissionais, principalmente por aqueles que se apoiam em uma metodologia mais tradicional para o desenvolvimento de suas práticas.

Todavia, é importante entender que isso não é uma regra, já que há professores que vêm buscando, ao longo dessas últimas décadas, adequarem-se aos perfis dos alunos que estão em sala de aula, especialmente daqueles aprendizes que a literatura considera como “nativos digitais” ou, ainda, como geração alfa.

Assim, as mudanças são inevitáveis e as adaptações também deveriam ser parte de nossas práticas pedagógicas. Contudo, a mudança não é tarefa simples,

nem tampouco está baseada em uma receita pronta, especialmente porque isso envolve revisitarmos nossas próprias atitudes, para buscarmos melhores alternativas de entender o outro da forma como ele gostaria de ser entendido, colocando-nos em seu lugar, por meio de um processo chamado empatia.

Dessa forma, precisamos aprender a nos desvencilhar da ideia de autoritarismo, a qual, por muitos e muitos anos, se fez bastante presente nos processos de ensino-aprendizagem. É preciso entender que o perfil da sociedade mudou e que isso influenciou diretamente a maneira como ensinamos.

Nesse sentido, muito antes dessa pandemia que nos assola, já recebíamos sinais de que um (re)desenho na forma como ensinamos se fazia necessário. Porém, talvez o que mais nos assuste agora é saber que, além dessa revisão às nossas práticas, precisaremos aprender sobre outros recursos que, muito provavelmente, tornar-se-ão parte indissociável de nosso trabalho como docentes: as temidas tecnologias digitais.

Em tal cenário, inúmeras perguntas emergem, tais como: "Como dar aulas usando tecnologias, se não fomos treinados para isso?"; "Eu não domino muito essas ferramentas tecnológicas, e agora?"; "Será que eu posso ministrar a aula da mesma forma no virtual, como eu fazia no presencial?"; "Qual é a plataforma mais eficaz para ensinar melhor e fazer com que todos aprendam?"; "O tempo da aula remota deve ser o mesmo do da presencial?"; "Quem deve falar mais quando usamos as ferramentas tecnológicas, os alunos ou os professores"?

Embora essas questões pareçam simples, não é possível pontuar, precisamente, uma resposta para cada uma delas, já que os caminhos para que consigamos ofertar, a contento, um ensino que seja significativo serão delineados ao longo das construções de nossas práticas pedagógicas, pois, pela simples razão de cada professor ser único, cada um trilhará um caminho diferente.

Nesse sentido, seria interessante tentarmos entender um pouco sobre Metodologias, para que possamos refletir e repensar nosso próprio trabalho como



professores, para além de nossas “caixinhas”, que, ao longo dos anos, serviram para nos deixar muito confortáveis. Assim, essas orientações apresentam, na sequência, as Metodologias Ativas, de forma bastante breve. A razão para essa escolha é que elas podem ser uma possibilidade interessante, principalmente por seu foco no desenvolvimento de um trabalho em equipe, quer seja no ensino presencial, quer seja no remoto, quer seja no híbrido.

## **2.2. Metodologias Ativas - Revisitando o Passado para (Re)desenhar o Presente**

Quando falamos em Metodologias Ativas (MAs), parece que estamos diante de algo totalmente novo e que a mera "aplicação" delas pode garantir uma prática mais dinâmica e eficaz para os professores. Todavia, sabemos que isso não ocorre de um momento para o outro e que sua compreensão requer uma boa base (teórica-prática) dos profissionais de ensino.

Dessa forma, é preciso entender que a proposta de trabalho com as MAs surgiu na década de 1980, como uma possibilidade para que se repensasse a tradição escolar pautada na aprendizagem passiva, em que os professores, por meio da exposição de conteúdos, faziam alusão à única possibilidade de ensino que poderia ser ofertada aos aprendizes.

Assim, quando trabalhamos com MAs, estamos buscando alternativas para criar um ambiente de aprendizagem em que o aluno é o protagonista de seu próprio aprendizado, já que ele é convidado a participar, ativamente, desse processo, tornando-se autônomo diante das escolhas que faz.

As Metodologias Ativas convidam professores e aprendizes para a realização de trabalho colaborativo, fazendo com que todos se responsabilizem pela construção do(s) conhecimento(s). Nesse cenário, já não há lugar para professores que buscam impor seus métodos de ensino, por meio de atitudes autoritárias e isentas de reflexão.

Nesse sentido, a divisão das aprendizagens baseadas em: resolução de problemas, trabalho em equipe e projetos, ganha lugar de destaque nas práticas pedagógicas, já que elas valorizam a combinação de elementos fundamentais para que tenhamos, de fato, um ensino significativo. Como elementos pertencentes dessa aprendizagem, podemos elencar a colaboração, a reflexão, a empatia, o autoconhecimento e a criatividade.

Em adição, há, ainda, o conceito de “Sala de Aula Invertida”, que, quando bem compreendido, pode contribuir para que ofertemos um ensino mais voltado para a realidade dos aprendizes. Com relação a esse conceito, há elementos como: a substituição, a antecipação e a participação, que são responsáveis por nortear esse processo. Na sequência, apresentamos cada um desses elementos de forma resumida, com o intuito de fazer com que os leitores dessas nossas orientações didáticas se familiarizem com os conceitos.

Por substituição, entendemos a mudança das aulas, as quais são, em sua maioria, expositivas, por aquelas que procuram fazer uso de outros ambientes para a aprendizagem. Para o momento atual, temos como exemplo a mudança da sala de aula convencional, em uma instituição de ensino, por exemplo, por um cômodo residencial, para o acompanhamento das aulas de forma remota.

Com relação à antecipação, ela faz menção à forma como podemos otimizar os conteúdos trabalhados em nossas práticas, quando os apresentamos com antecedência para os aprendizes. Em termos práticos, seria dizer ao aluno: “Em nossa próxima aula, vamos trabalhar com o assunto “x”, e gostaria que pesquisassem sobre ele, fazendo anotações para que pudéssemos discutir”.

Há, todavia, uma observação bastante importante e que deve ser feita com relação a essa prática da antecipação. Sua compreensão e a eficácia de sua realização dependem da postura do professor, já que muitos aceitam como natural o fato de aprenderem com seus alunos, que, em muitos casos, são os chamados “nativos digitais” ou a geração alfa, especialmente pela própria familiaridade do docente diante de toda essa tecnologia disponível. Todavia, há professores que

ainda estão no processo de assimilar para si mesmos essas novas realidades em suas práticas, já que a mudança de paradigmas não é, de fato, um processo rápido, exigindo muitas reflexões por parte dos professores ao longo dessa caminhada.

Por fim, a prática da participação, representada pelo uso de recursos variados, está bastante presente na Sala de Aula Invertida (do inglês, *Flipped Classroom*). Essa “Sala de Aula Invertida” significa, de modo resumido, a inversão da lógica do ensino tradicional, em que o professor, que está no centro do processo, expõe o conteúdo para que os alunos façam as tarefas sozinhos, por um ensino que coloca o aprendiz como protagonista do processo, fazendo-o aproximar dos temas e conteúdos antes mesmo de a aula começar.

O uso desses recursos é importante para que possamos ativar o processo de construção de conhecimento(s) dos próprios aprendizes. Dentre esses recursos, podemos elencar os diversos materiais didáticos (MDs) que podem ser utilizados, englobando-se aqui as tecnologias digitais.

No que tange à tecnologia, é importante mencionar que ela se tornou, ao longo dos anos, e, mais precisamente, no momento atual, a ferramenta que possibilita a integração dos espaços entre o mundo físico e o virtual. Nessa perspectiva, o ensino se torna, dia a dia, cada vez mais híbrido, porque o conhecimento perpassa os muros convencionais da educação formal, à qual estivemos expostos durante tantos anos, fazendo com que a tecnologia se torne um elemento essencial e integrador, entre mundos tão diferenciados.

Nesse sentido e mais especificamente diante do atual cenário que vivenciamos, diante dessa pandemia, estamos entendendo, aos poucos, que precisamos (re)aprender a (res)significar muitas das concepções que imaginávamos ser “corretas” e que, em nossa compreensão, eram muito eficazes em sala de aula.

Assim, professores que estavam habituados a ter à sua disposição lousa, giz, quadro branco, pincéis, datashow, projetores e aprendizes alinhados em fileiras, hoje se deparam com uma nova realidade ou com um “novo normal”, como muitos

têm mencionado, em que o ambiente se faz com computadores, escritórios que viraram salas de aulas, salas de estar que têm servido de cenário para as famosas *lives*, servindo, assim, esse novo *layout* para mostrar que os contextos sempre vão indicar que tudo parece ser mutável e questionável em nosso fazer pedagógico.

Nesse sentido, para que possamos nos fortalecer diante desse novo cenário, é interessante que busquemos compreender algumas das particularidades dos chamados ensino remoto e híbrido, os quais apresentamos na sequência, na parte 2 dessas orientações.

### **3. PARTE 2 - CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO REMOTO**

#### **3.1. ENSINO REMOTO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS**

Ensinar remotamente, em um primeiro momento, significa não estar presencialmente em um lugar, fazendo-se, assim, com que as interações ocorram por meio de plataformas virtuais. Em adição, é importante mencionar que ensino remoto e ensino à distância (EAD) não são a mesma coisa, conforme pontuamos a seguir.

Quando nos referimos a uma aula ou a uma atividade remota, estamos buscando alternativa(s) temporária(s), para que assim possamos dar continuidade às atividades pedagógicas, tornando-se a internet a principal ferramenta nesse cenário. Portanto, quando pensamos no ensino remoto, a intenção é tentar minimizar algumas das lacunas entre o ensino presencial e o ensino que faz uso de tecnologias, contribuindo, assim, para amenizar possíveis impactos relacionados aos processos de aprendizagem.

Dessa forma, torna-se fundamental entender que as aulas remotas não podem ser caracterizadas como uma modalidade de ensino, mas como uma solução momentânea, utilizada (preferencialmente) em um curto período de tempo, pelas instituições educacionais. Assim, é importante frisar que o EAD tem uma metodologia própria, em um ambiente predeterminado e específico e uma estrutura

peculiar, os quais são pensados para garantir o ensino e a educação à distância, com o apoio de recursos tecnológicos, para facilitar e também favorecer o ensino, em adição ao apoio dos tutores, cuja intenção é contribuir com a aprendizagem dos alunos.

Nessa perspectiva, quando falamos em EAD, precisamos considerar que estamos diante de uma modalidade de ensino, que opera com suas próprias regras, estruturando-se de forma flexível para abarcar as atividades e os conteúdos adequados a esse tipo de contrato pedagógico.

Por fim, é importante mencionar que, ao considerarmos o ensino remoto como uma das alternativas para o momento que estamos vivenciando, não deveríamos entendê-lo como uma simples transposição do ensino presencial, especialmente porque as plataformas digitais apresentam certas características, as quais deveriam ser observadas nos processos de ensino-aprendizagem, conforme destacamos na sequência.

### **3.2. CARACTERÍSTICAS IMPORTANTES DOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM: PRESENCIAL X REMOTO**

Apresentamos a seguir algumas características que devem ser observadas em situações nas quais o ensino remoto pode se tornar uma alternativa para o desenvolvimento das práticas pedagógicas.

#### **3.3. TEMPO**



Na maioria das instituições de ensino superior (IES), no ensino presencial, cada hora-aula tem a duração de 50 minutos. Nesse contexto, essa quantidade de tempo é relativamente pequena, e a administração do que se faz com ele depende bastante da cooperação dos sujeitos envolvidos. Assim, mesmo que um professor use a maioria desse tempo para ministrar sua aula, a sensação é de que esses minutos parecem passar rapidamente.

Já no ensino remoto, em que fazemos uso das plataformas digitais, a noção de tempo é diferente e apresenta algumas peculiaridades. Há estudos, inclusive, que se dedicaram a mostrar a equivalência entre o tempo no mundo virtual e no presencial<sup>1</sup>.

Ao pensarmos no planejamento de nossas aulas, em ambiente remoto, temos que considerar que nem tudo o que era possível ser feito com determinado tempo no presencial poderá ser feito no virtual. Atividades que levavam muito tempo para que pudessem ser realizadas no presencial podem ser bastante otimizadas no ambiente virtual e vice-versa.

Nesse sentido, é bastante aconselhável que professores que estavam habituados a centralizar quase todo o tempo de sua fala utilizando para isso um formato de aulas expositivas repensem seu fazer pedagógico, já que o ambiente remoto requer particularidades que precisam ser muito bem estabelecidas e compreendidas entre os sujeitos envolvidos, para que, assim, possamos garantir sua eficácia, de maneira a promover um ensino que seja significativo tanto para os aprendizes quanto para os alunos. A seguir, fazemos algumas considerações sobre o uso da linguagem.

### 3.4. USO DA LINGUAGEM



Em qualquer ambiente de ensino, espera-se que a linguagem seja utilizada da melhor maneira possível, buscando promover um espaço de interação harmonioso e respeitoso entre seus participantes. Nesse sentido, sugerimos que as escolhas lexicais sejam feitas de acordo com o público-alvo com o qual interagimos.

Uma reunião será diferente de uma aula, que será diferente de um bate-papo entre amigos, que será, também, diferente da participação em uma mesa redonda

---

<sup>1</sup> Para ter acesso a esse estudo, acesse: <https://www.isbe.net/Documents/RL-Recommendations-3-27-20.pdf>. Acesso em: 24 de maio de 2020.

(ou remot@, como chamamos a nossa na I JOIN-LE Jornada Integrada de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Piauí), por exemplo.

Quanto à sala de aula remota, é fundamental que tenhamos muito cuidado com nossas escolhas e que possamos, como profissionais de ensino, utilizar uma linguagem que seja acessível aos aprendizes. Assim, é preciso que tenhamos cuidado com o tom de nossa voz, os vocábulos que escolhemos e, acima de tudo, a maneira como nos posicionamos diante de nossos aprendizes.

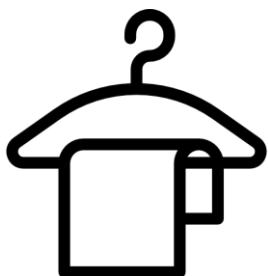
Como professor e em acordo com os aprendizes, vocês podem estabelecer algumas regras com relação à língua, que poderão ou não ser permitidas durante o momento de interação remota, prestando especial atenção às questões éticas envolvidas nesse processo, as quais abordamos na sequência.

### **3.5. QUESTÕES ÉTICAS**

Conforme mencionado, nessas orientações didáticas, o ensino remoto traz algumas particularidades que precisam ser observadas, especialmente por se tratar de um ambiente novo para muitos de seus usuários, que antes não o utilizavam, tendo em vista a predominância do ensino presencial em seus contextos de atuação.

Nesse sentido, gostaríamos de destacar alguns desses itens, que, de uma forma ou de outra, dialogam com essas questões éticas, entendendo que há muitos outros que não serão mencionados aqui, mas que seguramente serão construídos e percebidos no decorrer de nossas práticas pedagógicas, de acordo com as necessidades de nossos aprendizes.

### **3.6. VESTIMENTA**



No ensino presencial, é importante que respeitemos algumas convenções quando estamos em sala de aula. Nesse sentido, alguns tipos de vestimenta nem sempre são adequados, e o uso de outros exige bastante cautela.

Com relação ao ensino remoto, que ocorre por meio da utilização de tecnologias, o aspecto da vestimenta também deveria ser observado. Assim, por mais que um profissional de ensino não esteja presencialmente em seu local de trabalho, a mudança de ambiente acaba por se tornar o local onde ele desenvolverá suas atividades.

Para isso, é importante que observemos como nos portamos diante de nossos computadores, os quais têm se tornado nossa interface com os aprendizes. Assim, algumas práticas podem não ser adequadas, tais como: ministrar aulas sem camisa, usar roupas transparentes, apresentar-se de pijama ou trajes íntimos, dentre outras. É importante lembrar que algumas inadequações podem gerar não apenas constrangimento para uma das partes envolvidas, mas, também, possibilidades de indicativo de assédio.

Outro item bastante importante é a câmera e a forma como a utilizamos. Para isso, apresentamos a seguir algumas considerações sobre ela.

### 3.7. CÂMERA



No ensino remoto, a câmera é um recurso muito importante, já que ela nos permite ser vistos por outras pessoas. Todavia, é preciso cautela na hora de utilizá-la, já que alguns deslizes podem gerar certos constrangimentos entre os participantes.

Como exemplo, citamos o local que você escolhe fazer uma reunião ou uma aula. É interessante observar se a luminosidade é boa, se o espaço está bem organizado, se sua imagem está bem centralizada, se não há circulação de pessoas que possam comprometer o andamento de seu trabalho, se não há muita informação visual que possa desviar a concentração das pessoas, dentre outros aspectos.



Com relação a manter o distanciamento da câmera, isso é importante para que haja bom enquadramento de nossa imagem e também de tudo aquilo que queremos (ou não) compartilhar com nossa audiência.

É crucial pontuar, ainda, que, se sua câmera estiver habilitada, ou seja, todas as imagens que estiverem ao alcance dela também estarão disponíveis para as pessoas que estão interagindo contigo nesse ambiente. Sendo assim, em muitos casos, para evitar correr certos riscos, muitas pessoas optam por desabilitar suas câmeras para participar das atividades remotas. Caso você escolha proceder dessa forma, informe seu público a respeito de sua decisão.

Por fim, sugerimos que, ao utilizar sua câmera, principalmente nas primeiras vezes, vocês convidem pessoas para realizar alguns testes, para verificar a qualidade da imagem, o enquadramento, dentre outros aspectos que julgar relevantes, especialmente porque o que estiver sendo projetado para uma pessoa será projetado para todas as outras.

A seguir, abordaremos outro item que é fundamental no ensino remoto: o microfone.

### **3.8. MICROFONE**



O microfone é essencial no ensino remoto, já que precisamos dele para fazer com que outras pessoas possam ouvir aquilo que queremos dizer. Assim como a câmera, há observações muito importantes com relação a esse equipamento e que devem ser observadas.

Vamos pensar em um exemplo prático. Imagine que você foi convocado para participar de uma reunião com professores de sua instituição de ensino e que receberá um link da plataforma que será utilizada. Para entrar nessa “sala”, você pode testar a qualidade de seu som, verificando se ele está funcionando. Em adição, você terá a opção de entrar com seu microfone habilitado ou desabilitado.

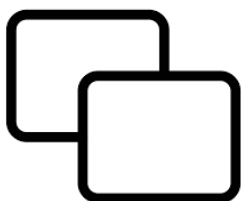
Quando seu microfone está habilitado, todos os sons que você produzir ou os sons que puderem ser ouvidos perto de onde você se encontra poderão ser ouvidos por todas as pessoas. Assim, é preciso que tenhamos bastante cuidado com a opção em que se encontra o microfone (habilitado ou não habilitado), para que não tenhamos surpresas desagradáveis.

Dessa forma, é importante lembrar que, em muitos casos, precisamos respeitar os turnos de fala entre os participantes, já que muitas pessoas falando juntas pode causar microfonia (realimentação de um áudio, que ocorre sempre que um microfone consegue captar o som do dispositivo do próprio emitente).

Sendo assim, profissionais de ensino podem estabelecer uma dinâmica com seu público-alvo, utilizando o *chat* da plataforma, por exemplo, para controlar quem está falando no momento. Cronômetros também têm sido bastante utilizados, para que o tempo de fala de uma pessoa possa ser controlado, especialmente quando o número de pessoas for considerável.

Abordaremos na sequência o item compartilhamento de tela.

### **3.9. COMPARTILHAMENTO DE TELA**



Compartilhar telas pode ser uma das partes mais difíceis para a maioria das pessoas que estão se familiarizando com a possibilidade de realizar seu trabalho remotamente.

De forma análoga ao que ocorre com a câmera e o microfone, ao compartilharmos uma tela, temos que ter bastante cuidado com as janelas que estão abertas em nosso computador, já que qualquer esquecimento ou descuido por parte de quem está realizando o compartilhamento pode comprometer a apresentação, causando, assim, possíveis constrangimentos para o apresentador.

Se você preparou slides para uma apresentação, sugerimos que coloque neles tudo aquilo que irá utilizar, como figuras, vídeos, fotografias, dentre outros itens. Todavia, se preferir deixar outras abas abertas para fazer sua busca, tenha

bastante cautela para não acabar compartilhando informações que possam gerar problemas ou constrangimento entre os membros de sua equipe.

Sabemos que muitos usuários do *WhatsApp* optam por utilizar a ferramenta em seu computador, por meio de <https://web.whatsapp.com/>. Se você também utiliza o WhatsApp dessa forma e pretende deixá-lo aberto durante sua apresentação ou aula, sugerimos que o deixe no modo silencioso, para que não haja interferência dos sons que são produzidos quando as mensagens chegam.

Após discutirmos algumas das características que são importantes quando pensamos no ensino remoto, discutiremos na parte 3 alguns dos recursos *online* que podem ser utilizados no decorrer de nossas práticas pedagógicas.

## 4. PARTE 3 - RECURSOS ONLINE NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

### 4.1. Recursos Online



Quando pensamos na utilização de ferramentas para o ensino online, muitas coisas nos passam pela cabeça. Ficamos amedrontados com a ideia de ter que utilizar algo novo e, na maioria das vezes, totalmente alienígena à nossa prática. Ficamos ansiosos e receosos de que nossa qualidade e nossas competências de ensinar não possam se desenvolver a contento ou sejam menos importantes, devido ao uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs).

Alternando entre momentos bons e ruins, ficamos animados e, ao mesmo tempo, perdidos com tantas possibilidades e recursos, ao pensarmos nas mudanças e adaptações que serão necessárias ao longo desse processo.

É difícil falar em regras, em tempos de liquidez e mudanças radicais no mundo, mas, mesmo diante de um cenário tão incerto, é necessário que busquemos quais são nossos objetivos de ensino-aprendizagem, quando da utilização de determinadas ferramentas. A questão central é pensar que “não precisamos aprender ferramentas ou tecnologia”, precisamos entendê-las em nossa prática, para que elas possam fazer sentido no trabalho que desenvolvemos com nossos

aprendizes. Nesse sentido, a aprendizagem deve ocupar lugar de destaque, atuando as ferramentas como coadjuvantes nesse processo.

Ao planejar um curso, o foco principal é identificar quais são os objetivos esperados naquele processo. A partir dessa identificação, fica mais fácil determinar quais ferramentas serão úteis e necessárias, sempre considerando a realidade dos aprendizes, suas possibilidades e também suas necessidades. É importante lembrar que, mesmo nas situações nas quais não teremos autonomia para escolher as ferramentas que gostaríamos de utilizar, o processo de adaptação pode ser acionado, por meio dos processos de reflexão (LUCAS, 2016).

Outro ponto importante, em algumas situações, a expressão coloquial "menos é mais" pode ser bastante válida. Às vezes, acreditamos que precisamos de uma super produção tecnológica, com vídeos, jogos, animações e efeitos especiais, o que nem sempre é verdade. Lembrem-se dos objetivos propostos e tentem utilizar as ferramentas e os processos que mais irão representá-los com profissionais, encorajando-os a fazer um trabalho que seja significativo para os aprendizes. No início de nossa prática com TICs, é natural que passemos horas em torno de detalhes que não irão afetar o processo como um todo, e, ao longo de nossas práticas, essas observações vão sendo eliminadas.

Nossos alunos são valiosas fontes de informação quanto às ferramentas. Devemos estar abertos a sugestões e opiniões quando utilizamos as TICs, uma vez que os aprendizes têm contato com outros professores, outros cursos, outras instituições, e essa experiência deve ser considerada, além de sua própria, especialmente se estivermos diante dos nativos digitais ou da geração alfa. Além de proporcionar ajuda e economia de tempo e recursos, envolver os alunos no processo de ensino-aprendizagem é essencial para a motivação deles, convidando-os a se tornarem responsáveis e atuantes em seu próprio processo, como bem pontua a aprendizagem em equipe, discutida pelas Metodologias Ativas.

As ferramentas, da mesma forma que quase tudo relacionado à tecnologia, estão em constante mudança e evolução. Dessa forma, precisamos ter em mente

que o aprendizado é constante e cíclico. É comum termos que trocar uma ferramenta, depois de passarmos bastante tempo para aprender a utilizá-la, ou porque encontramos outra mais útil, ou porque ela deixou de ser gratuita, ou porque, ao longo do processo, ela deixou de fazer sentido em nossa prática. Dessa forma, precisamos estar abertos, ser flexíveis e conscientes para aceitar essas mudanças.

Manter-se atualizado, familiarizado e confiante quanto ao uso das ferramentas é algo que faz parte de nosso fazer docente. Faça teste sempre, antes de começar, peça ajuda, conforme discutimos anteriormente nessas discussões. Esteja preparado, pois, uma vez responsável por um curso e por um grupo de alunos, você será visto também como o responsável por oferecer ajuda técnica aos alunos, nos momentos em que isso for necessário.

O ideal seria ter acesso a um departamento de suporte de Tecnologia da Informação (TI) para a solução de eventuais problemas, mas sabemos que isso nem sempre é possível, por mais que exista uma equipe sempre muito disposta a auxiliar os professores durante esse processo que chamamos de “conscientização tecnológica”. Dessa forma, temos que aprender a lidar com os recursos e as ferramentas da melhor maneira possível e estar preparados para saber lidar com essas situações.

Uma vez que a gama de ferramentas e recursos é enorme e cresce a cada dia, o interessante é conhecer as categorias nas quais essas ferramentas e recursos se encaixam. Ao conhecê-las e também ao conhecer suas funções e seus propósitos pedagógicos, a “busca” por determinada ferramenta para atender a uma necessidade específica pode se tornar mais objetiva.

Uma indagação comum entre professores é sobre a criação de conteúdos para as aulas e os cursos. Atualmente, encontramos inúmeras ferramentas e recursos que podem auxiliar os profissionais nessa tarefa. Todavia, mesmo diante de tal oferta, sugerimos que os professores busquem auxílio, evitando ancorar-se no que é determinado por quem não conhece o público-específico com o qual você irá trabalhar.

Sobre o uso de imagens, é interessante alertar que, além da possibilidade da utilização de nossos próprios *smartphones* e câmeras, que nos permitem realizar a captura de telas para a produção de nossas próprias imagens, há a possibilidade de imagens que estão disponíveis na *internet*.

Entretanto, essa facilidade vem acompanhada da questão de direitos autorais sobre o uso dessas imagens. Sites como [creativecommons.org](http://creativecommons.org), [picfindr.com](http://picfindr.com) e [picsforlearning.com](http://picsforlearning.com), dentre outros, oferecem serviço de busca por imagens com permissão de uso e divulgação livres de direitos autorais. Se precisar editar as imagens, há diversos *softwares* e aplicativos para essa função, além de sites que oferecem esse serviço online, como é o caso do [canva.com](http://canva.com).

Sobre o uso do áudio. Assim como as imagens, podemos utilizar nossos *smartphones* para gravar áudios que podem ser necessários para nossas aulas e cursos. Existem recursos e ferramentas que permitem incluir áudio em uma apresentação de slides ou em um arquivo em pdf, por exemplo. O conhecido *Powerpoint* traz tal funcionalidade. Áudios podem ser utilizados como um meio de produção dos alunos e podem ser utilizados para sua avaliação.

Com relação aos vídeos, quase todos nós podemos gravá-los com qualidade considerável com uma *webcam*, uma câmera digital ou um *smartphone*. Cada vez mais estamos nos acostumando a postar esses vídeos nas redes sociais, e o uso deles é um recurso valioso em nossas aulas e cursos. Vídeos não são apenas úteis para a instrução e orientação, mas também, assim como os áudios, são um recurso excelente para a apresentação dos alunos e também para nos auxiliar no processo de avaliação.

Os vídeos podem ser postados em sites como *Youtube*, *Vimeo*, *Dailymotion*, *Periscope*, em redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, além das plataformas utilizadas para o gerenciamento de cursos online, como o *Google Classroom*. Um recurso importante para as aulas online é a captura de tela em vídeo, o que permite

a gravação da narração do áudio do professor juntamente com a tela do computador.

Esse recurso é bastante comum em serviços que são voltados para as reuniões e transmissões ao vivo, como *Zoom*, *Google Meet*, *Google Hangouts*, *Microsoft Teams*, entre outros. Porém, quando estamos produzindo vídeos para serem postados e acessados de forma assíncrona, podemos usar alguns desses serviços citados anteriormente, que oferecem a opção de gravar a apresentação ou capturar em áudio e vídeo a tela do computador, como [screen-o-matic.com](http://screen-o-matic.com), [jingproject.com](http://jingproject.com), [screencastify.com](http://screencastify.com), dentre outros.

Boettcher e Conrad (2016) elaboraram categorias de ferramentas e seus princípios pedagógicos, os quais resumiremos a seguir:

<b>CATEGORIA</b>	<b>PRINCÍPIOS</b>	<b>EXEMPLOS</b>
Avisos, mensagens de texto, fóruns, lembrar os alunos das tarefas, marcar reuniões	Comunicação com alunos individualmente ou em grupos a fim de dar instruções e orientações	<i>Skype, Google Meet, Google Classroom, Google Hangouts, Zoom, Microsoft Teams, WhatsApp, Discord, Telegram, Twitter, Facebook...</i>
Palestras em áudio e vídeo	Criação de um ambiente multimídia e variado	Sites com palestras em áudio e vídeo como <i>TED Talks, Youtube...</i>
Aplicativos que permitem transmissão e compartilhamento de áudio e vídeo	Criação de avisos em áudio e vídeo, aulas curtas, orientações e instruções em áudio e vídeo	<i>WhatsApp, Discord, Telegram...</i>

Fóruns de discussão, ambiente para apresentação	Filmar, gravar e coletar as reflexões dos alunos, permitir a contribuição e comentários de todos os participantes, dar feedback, permitir interação	<i>Google Classroom</i> , Fóruns online em websites que permitam discussões, <i>Wikis</i> , <i>Nearpod</i> , <i>Voicethread</i> , <i>Facebook</i> , <i>Blackboard</i> , <i>Canvas...</i>
Ferramentas colaborativas	Dar suporte à colaboração e trabalhos em grupo	<i>Wikis</i> , <i>Google Classroom</i> , <i>WhatsApp</i> , <i>Discord</i> , <i>Telegram...</i>
Postagem e compartilhamento de vídeos e fotos	Apresentar conceitos, processos, dar exemplos visuais	<i>Youtube</i> , <i>Flickr</i> , <i>Tumblr</i> , <i>Google Classroom...</i>
Descrição de critérios para a realização de atividades e avaliação	Descrever o que se espera dos alunos em cada atividade e o que será avaliado	<i>Rubrics</i> , <i>Google Classroom...</i>
Mídias sociais	Trazem muitas possibilidades, entre elas a colaboração e o suporte entre os alunos	<i>Facebook</i> , <i>LinkedIn</i> , <i>Twitter</i> , <i>Google Plus</i> , <i>Tumblr</i> , <i>Flickr</i> , <i>Slideshare...</i>
Colaboração síncrona	Encontrar-se com os alunos sincronicamente oferecendo suporte, esclarecimento de dúvidas, discussões, entre outros assuntos	<i>Blackboard Collaborate</i> , <i>Google Hangouts</i> , <i>Google Meet</i> , <i>Zoom</i> , <i>Microsoft Teams</i> , <i>Acrobat Connect...</i>



Questionários, Testes e <i>Feedback</i>	Revisar, avaliar e coletar informações do aprendizado dos alunos	<i>Quizizz, Quizlet, Google Classroom, Kahoot, Socrative, Survey Monkey, Polldaddy, Multimeter...</i>
Detector de plágio	Auxiliar os alunos a compreender plágio e evitá-lo	<i>Turnitin, SafeAssign...</i>

Como uma das ferramentas que é gratuita, discorreremos na sequência sobre o *Google Classroom*, já que ela é interessante, pois se adapta a vários contextos. Todavia, é importante lembrar que não estamos colocando essa ferramenta como a melhor para ser utilizada pelo professor, especialmente porque o intuito dessas orientações é convidar os profissionais de ensino a refletir sobre aquelas que serão mais significativas em suas práticas pedagógicas.

O *Google Classroom* é uma plataforma gratuita para educação baseada na *Web*, desenvolvida pelo *Google*. O *Google Sala de Aula* (terminologia utilizada em língua portuguesa) integra a conta do *G Suite for Education*<sup>2</sup> a todos os serviços do *G Suite*, incluindo *Google Docs*, *Gmail* e *Google Calendar*. O *Google Sala de Aula* economiza tempo e facilita a criação de uma sala de aula online, permitindo a distribuição de atividades, a comunicação e a organização. Com o *Google Classroom*, os professores podem gerenciar todos os documentos que normalmente compartilhariam e coletariam dos alunos na sala de aula, evitando, assim, a utilização de papel e contribuindo para o fortalecimento da conscientização ambiental entre seus usuários.

Alunos e professores podem conversar sobre as atividades, e os professores também podem acompanhar o progresso dos alunos, vendo rapidamente quem concluiu ou não o trabalho, fornecendo *feedback* e notas em tempo real, diretamente

---

<sup>2</sup> A Universidade Federal do Piauí (UFPI) possui o *Google GSuit for Education*, e, por meio do email institucional, os servidores têm acesso aos apps do *Google*.

na sala de aula. Escolas da educação básica e Instituições de Ensino Superior devem consultar a administração superior para saber se elas têm acesso ao pacote *G Suite*. Mesmo que o pacote não tenha sido adquirido, ainda assim, o uso é possível, mas com algumas limitações.

Se você não tem tanta familiaridade com o *Google Classroom*, pode começar acessando o [classroom.google.com](https://classroom.google.com), seguindo as instruções para configurar uma conta. Depois de criar uma sala de aula, a página inicial do *Google Classroom* exibirá um código para a sala de aula criada. Compartilhe com os alunos para que eles possam participar dessa sala e ter acesso aos documentos e informações que você compartilhará lá. Há a opção de incluir participantes na sala criada, inserindo seus endereços de email, e convidá-los a participar.

O *Google Classroom* facilita a criação de atividades. Por exemplo, ao criar uma atividade, você escolhe um nome, adiciona uma descrição e um prazo para a entrega. Além disso, você pode anexar vários arquivos, como imagens, guias passo a passo, vídeos do *YouTube*, links ou qualquer outro tipo de arquivo a partir do seu equipamento ou do *Google Drive*. Você pode usar o *Google Docs* para fazer *upload* de arquivos que os alunos precisam para realizar a tarefa, publicar a rubrica e o prazo final, além de qualquer outra informação necessária. Os alunos recebem notificações das tarefas e podem postar suas atividades concluídas no *Google Classroom*.

Os professores podem dar notas para as atividades no *Google Classroom* e comentar o trabalho dos alunos. O *Google Classroom* armazena e calcula todas as notas atribuídas às atividades dos alunos, auxiliando na organização do professor. Essa ferramenta pode gerenciar as notas dos alunos e disponibilizar essas informações para professores e alunos. Quando as tarefas dos alunos são entregues, os professores podem devolvê-las aos alunos como uma forma de trabalho adicional e permitir seletivamente que os alunos as revisem, devolvendo-as novamente para os professores.

No *Google Classroom* é possível organizar e armazenar materiais utilizados em uma turma na sala de aula. Os alunos podem acessar esses materiais durante todo o período em que a sala de aula estiver ativa. No *Google Classroom*, o trabalho do aluno não é colocado em uma pasta compartilhada, portanto, essa troca é privada entre professor e aluno. Quando chegar a hora de avaliar o trabalho do aluno, o professor poderá acessá-lo remotamente.

Outra funcionalidade é a possibilidade de dar avisos aos participantes. Esse recurso permite a publicação de um comunicado. Os alunos recebem um email automaticamente sobre a postagem, e o anúncio é publicado na timeline da sala de aula. Há também a possibilidade de criação de questionários. O *Google* oferece muita flexibilidade. Os questionários podem ter qualquer tamanho e complexidade, com opções para múltipla escolha e respostas curtas, por exemplo.

Caso haja a necessidade de orientações ao vivo, os participantes podem usar o *Google Meet* para um encontro síncrono. Cada sala de aula pode ter seu próprio código exclusivo do *Google Meet*, que permite que os professores configurem sessões de vídeo com os alunos no *Google Classroom*.

Após essa breve discussão, com orientações, que procuramos, de forma bastante acessível, escrever aqui, trazemos algumas de nossas reflexões, enquanto usuários e também conhecedores desse sistema.

## **5. REFLEXÕES, REFLEXÕES, REFLEXÕES...**

### **5.1. PÁGINAS EM CONSTRUÇÃO...**



No contexto brasileiro, temos uma tradição de longa data e também muito forte de ensino presencial. Por décadas e décadas, temos trabalhado nesse sistema e, de certa forma, acabamos nos acostumando com ele. Embora já existam muitas instituições educacionais que utilizam a

Educação à Distância (EAD) como uma modalidade de ensino, essa realidade não consegue contemplar todos os professores, já que muitos encontram desafios para operacionalizar novas abordagens em suas práticas pedagógicas.

Tais abordagens implicam, especialmente no cenário atual, a incorporação das tecnologias digitais em nosso fazer docente. Nesse sentido, espera-se que os profissionais de ensino tenham “domínio completo” desses recursos. Todavia, sabemos que, na prática, essa realidade não é tão simples de ser assimilada.

Ademais, é importante lembrar que todas essas mudanças trazem também muitos medos, alguns receios e inúmeras incertezas sobre todos esses fatos vivenciados pelos profissionais de ensino. Nesse sentido, há professores que têm se sentido desorientados, porque pensam que precisam aprender, em um curto espaço de tempo, a controlar todas as funções de todas as plataformas disponíveis.

Todavia, sabemos que, na prática isso não é viável, já que plataformas ideais não existem, como também não existem materiais didáticos que são utilizados no ensino presencial e que podem ser considerados perfeitos por seus usuários. Nesse sentido, nosso convite é para que os professores façam reflexões constantes sobre suas práticas pedagógicas, observando o(s) caminho(s) que estamos trilhando, sempre pensando no que é significativo para nossas práticas pedagógicas.

Então, o que pode ser excelente para um professor pode não ser para o outro, e o que determinará o possível sucesso no ensino remoto entre professores e aprendizes será a construção dos caminhos dialogados ao longo das práticas pedagógicas. Portanto, mesmo que um professor tenha experiências excelentes com determinada ferramenta tecnológica, não podemos generalizar que esse fato será exitoso para todos os outros profissionais de ensino. Cada um tem um ritmo, uma consciência e experiências diferenciadas.

Dessa forma, é necessário que busquemos manter rotinas reflexivas sobre nossas práticas pedagógicas, fomentando parcerias com outros profissionais de ensino e principalmente com nossos alunos. Esses processos são benéficos, pois

propiciam vivências significativas para todos os envolvidos nos processos de ensino-aprendizagem, contribuindo para que possamos fazer ponderações sobre os desafios da profissão chamada “docência”, que a cada dia nos traz desafios sem respostas, para os quais buscaremos compreensão por meio daquilo que refletimos!

Portanto, REFLIT@ sobre o profissional que você é hoje, para que amanhã colha os frutos das sementes que foi plantando ao longo de seu processo de constante (trans)formação, por meio das (res)significações que o constituíram.

**B@as reflexões a todos!**

**Patrícia de Oliveira Lucas e Luís Felipe Pereira dos Santos Donaio**

## 6. REFERÊNCIAS

BOETTCHER, J. V.; CONRAD, R.M. **The online teaching survival guide**: simple and practical pedagogical tips. 2nd ed. Jossey-Bass, 2016.

KO, S. S.; ROSSEN S. **Teaching online**: a practical guide. 4th ed. Routledge, 2017.

LUCAS, P. O. *Os materiais Didáticos de Inglês como Língua Estrangeira (le) na Prática de Professores da Escola Pública: um Convite à Formação Reflexiva ou à Perpetuação do Ensino Prescritivo?* Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, São Paulo, Brasil, 2016.

Imagens retiradas de: [freepik.com](http://freepik.com) e [flaticon.com](http://flaticon.com)